

TABULEIRO DE LETRAS

“Bela, recatada e do lar”: Um olhar sobre a questão de gênero e seus desdobramentos.

“Bela, recatada e do lar”: A view of the issue of gender and its unfolding.

Bruno Tateishi¹

RESUMO: O objetivo geral deste artigo é discutir a questão de gênero por meio da matéria *Bela, Recatada e do “Lar”*, de Juliana Linhares, publicada na seção intitulada “Como será”, em 18 de abril de 2016, pela Revista *Veja*. Apesar de o *corpus* central de análise ser o texto de Juliana Linhares, também nos propomos a analisar as relações dialógicas que podem ser estabelecidas por meio dessa matéria, explorando alguns de seus desdobramentos. A análise está embasada nas discussões elaboradas por Bernice E. Lott sobre a questão de gênero em seu ensaio intitulado *Gender*, parte da obra *Multiculturalism and Diversity: a social psychological perspective*, e na Análise Dialógica do Discurso (ADD), que possibilita uma leitura dialógica, centrada nos conceitos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, dos textos verbo-visuais selecionados.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso; Gênero; Impeachment; Revista *Veja*.

ABSTRACT: This article aims to discuss the issue of *gender* through an article *Bela, Recatada e do “lar”* by Juliana Linhares, published on April 18, 2016 by Magazine *Veja*. Although the central *corpus* of the analysis is the article of Juliana Linhares, we also propose to analyze the dialogical relations that can be established through this article, exploring some of its unfolding. The analysis will be based on the arguments elaborated by Bernice E. Lott on the question of gender in her essay *Gender*, part of the work *Multiculturalism and diversity: A social psychological perspective* and by the Dialogical Analysis of the Discourse (ADD), that allows a dialogic reading, centered on the concepts developed by Bakhtin and the Circle, of the selected verbal-visual texts.

Keywords: Dialogical Analysis of Discourse; Genre; Impeachment; Magazine *Veja*.

1 Introdução

O ano de 2016 marcou o início de uma grave crise na política brasileira, culminando com a abertura do processo de *impeachment* que visava destituir Dilma Rousseff de seu cargo de Presidente da República. Em meio a escândalos, manifestações e “panelaços”, o Senado

¹ Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação da Profa. Dra. Beth Brait. Membro do GP/CNPq/PUC-SP Linguagem, identidade e memória e bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, PROSUP). E-mail para contato: brunot.23@hotmail.com.

aprovou, no dia 11 de maio de 2016, por 55 votos a 22, que se instaurasse o processo de *impeachment* e que a presidente fosse afastada por até 180 dias², estando o vice-presidente Michel Temer no seu lugar durante esse tempo, como presidente interino.

Em meio a toda essa efervescência política, muito se especulou sobre o possível futuro presidente do Brasil, Michel Temer. Diversos meios de comunicação divulgaram uma biografia do advogado, explorando sua trajetória política e suas relações familiares, além de expor o possível plano de governo que entraria em vigor após sua posse. Dentre os fatos que mais atraíram a atenção da mídia e do público foi o seu casamento com Marcela Temer, também formada em Direito, 43 anos mais jovem que o atual presidente interino.

Nessa perspectiva, uma grande polêmica se originou a partir de uma matéria publicada pela Revista *Veja*, em abril de 2016, que tinha como foco destacar a imagem de Marcela. A matéria, um texto verbo-visual intitulado “*Bela, recatada e ‘do lar’*”, destacava as qualidades de Marcela como esposa, mãe e dona de casa. O artigo acabou “viralizando” nas redes sociais, gerando críticas de inúmeros internautas que acusavam o texto de machista e de enaltecer a imagem da “mulher objeto”.

Considerando o que foi exposto, o presente artigo tem o objetivo geral de trazer à discussão a temática do gênero, a partir do texto que compõe a matéria denominada “*Bela, Recatada e do ‘Lar’*”, produzida por Juliana Linhares para a seção intitulada “Como será”, cuja publicação ocorreu em 18 de abril de 2016, pela Revista *Veja*. Ainda que o *corpus* central de análise seja a matéria de Juliana Linhares, a proposta de análise aqui se estende para as relações dialógicas que podem ser estabelecidas por intermédio da referida matéria, explorando alguns de seus desdobramentos. Dessa forma, selecionamos outras duas publicações que dialogam com o artigo da Revista *Veja*: o “guia da boa esposa” da revista *Housekeeping Monthly* (1955), recuperado pelo site da TNM³ e trazido na seção *Humor*; e a capa da revista *ISTOÉ*, de 6 de abril de 2016, centrada na face de Dilma Rousseff. Ressaltamos que as relações dialógicas apontadas são apenas algumas das várias que poderiam ocorrer na interação com diferentes leitores.

Para fundamentar a análise, retomamos as discussões suscitadas por Bernice E. Lott sobre a questão de gênero em seu ensaio intitulado *Gender*, que integra a obra *Multiculturalism*

² A presidente Dilma Rousseff foi definitivamente cassada em 31 de agosto de 2016, sendo afastada do cargo, porém sem perder o direito de ocupar cargos públicos. A partir dessa data, Michel Temer se tornou oficialmente Presidente da República, e sua esposa, Marcela Temer, primeira-dama.

³ Disponível em: <http://todosnegrosdomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas>.

and Diversity: a social psychological perspective e também nos ancoramos na Análise Dialógica do Discurso (ADD), que promove uma leitura dialógica, centrada nos conceitos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo, dos textos verbo-visuais selecionados. Na seção dedicada à ADD, recorreremos também a textos de comentadores que se debruçaram sobre a teoria bakhtiniana, a exemplo de Brait (2009, 2010, 2013), Campos (2012), Cunha (2009), Marchezan (2010) e Stella (2007).

Finalmente, justificamos a escolha do artigo de Juliana Linhares para *corpus* central da nossa análise pela sua presença em uma revista de grande circulação e de alta popularidade entre o público. Há ainda a questão política que permeia o artigo, o qual se evidencia em função da necessidade de se conhecer mais profundamente (e, por isso, enaltecer) a figura do então provável futuro presidente do Brasil, Michel Temer.

2 “Bela, recatada e “do lar””: uma análise dialógica do discurso.

Os estudos desenvolvidos por Bakhtin e o seu Círculo, cujo projeto teórico abordou temas que vão desde questões filosóficas profundas (como pode ser comprovado, principalmente, em *Para uma filosofia do ato*, publicado na Rússia em 1986) até a construção de uma sólida teoria que mudou os rumos dos estudos da linguagem. Ainda que não tenha se proposto a elaborar uma Análise do Discurso propriamente dita, como bem apontado por Brait (2010), Bakhtin, ao dialogar com as principais correntes linguísticas e literárias de sua época, lançou as bases principais do que pode ser chamado de uma Análise Dialógica do Discurso (ADD), uma forma inédita de se pensar o enunciado de forma concreta, ou seja, indo além de sua materialidade linguística e considerando seu contexto de produção, circulação e recepção.

É justamente essa relação com o contexto extralinguístico do enunciado que mais nos interessa. De acordo com Brait (2010, p. 10), “esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiados nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”. Dessa forma, ao propormos uma leitura do artigo de Juliana Linhares, deveremos considerar a qual contexto imediato de produção, circulação e recepção ele está vinculado e quais os seus possíveis interlocutores. Seria possível desvincular o artigo do atual contexto político brasileiro, marcado por um possível fim da era petista e da ascensão de Michel Temer?

Ao refletir sobre esse questionamento e considerando que os discursos com os quais nos deparamos diariamente estão na “na boca” de indivíduos situados sócio, cultural e historicamente, esses enunciados nunca estarão isentos de um juízo de valor, de uma intenção dos sujeitos que os enunciam. A palavra, de acordo com uma visão bakhtiniana, é um dado vivo, ou, de acordo com Stella (2007, p. 178), “um elemento de feitura ideológica”. Nessa perspectiva, entendemos que “toda palavra que se lê, que se escreve, que se escuta é um objeto saturado de intenções multifacetadas, mas não é um dado morto, virgem, à espera de alguém” (CAMPOS, 2012, p. 122). Cada palavra dita é capaz de refletir e refratar realidades diversas. Quando nos deparamos com os discursos que circulam na mídia, vemos que cada meio de comunicação utiliza diferentes veículos e distintas linguagens com o objetivo de difundir os acontecimentos mais significativos para determinada sociedade. No Brasil, em se tratando especificamente da questão do *impeachment*, vemos que os meios de comunicação (jornais, redes sociais, televisão etc.), apesar de uma aparente imparcialidade, se posicionam contra ou a favor da permanência de Dilma Rousseff no poder, usando informações e argumentos que a apoiam ou a desestabilizam.

Ainda tratando da palavra como elemento de feitura ideológica, Cunha (2012, p. 28) expõe que “usada numa enunciação, a palavra é carregada de conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial, tem um sentido, acompanhado por um acento de valor ou apreciativo”. Quando voltamos nosso olhar para os discursos que circulam na mídia, nos deparamos com discursos de grande poder persuasivo e de forte apelo popular. Como já dissemos no parágrafo anterior, os discursos da mídia, sendo formadores de opinião, nunca estarão isentos de um acento valorativo. Nenhuma palavra dita estará lá por mero acaso. Sempre haverá uma intenção por trás de cada discurso proferido.

Considerando as questões acima discutidas, é imprescindível apontar um dos aspectos fundamentais da perspectiva bakhtiniana sobre a linguagem humana: o seu caráter dialógico. Se considerarmos, como já exposto, que os enunciados por nós produzidos se constituem como dados vivos, e não estanques, é preciso entender que eles não se encontram isolados no tempo e no espaço; eles dialogam/respondem a enunciados construídos anteriormente e pressupõem uma resposta, uma possível posição axiológica de outro indivíduo constituído socialmente. De acordo com Bakhtin:

Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma

conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. (BAKHTIN, 2011, p. 275)

As palavras de Bakhtin destacadas acima exigem uma definição de diálogo que vai além daquela que o designa como uma comunicação “face a face” entre duas pessoas em uma determinada situação de interação. Nas palavras de Marchezan (2010, p. 117), o enunciado “apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico”. A pesquisadora acrescenta, ainda sobre essa questão:

A palavra diálogo, ao contrário, é bem entendida, no contexto bakhtiniano, como reação do eu ao outro, “como reação da palavra à palavra de outrem”, como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva ou solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas. (MARCHEZAN, 2010, p. 123).

Diante dos pressupostos aqui apontados e levando em conta o que foi exposto, tentaremos analisar, na próxima seção, algumas das relações dialógicas estabelecidas por meio do texto da jornalista Juliana Linhares, delineando de que maneira essas relações são capazes de aprofundar nossa discussão acerca do gênero e, sobretudo, de que forma revela o teor fortemente político presente no artigo da Veja.

3 “Bela, recatada e “do lar””: um olhar sobre a questão de gênero e seus desdobramentos.

Situado em um contexto norte-americano, o ensaio de Bernice E. Lott, selecionado para discutir o artigo *Gender*, da Revista Veja, se propõe a refletir sobre a questão de gênero, mulher e homem, expondo, por meio de exemplos concretos, as diferenças existentes entre os sexos. Para a teórica, a identidade de gênero não é construída individualmente, mas sim socialmente. A construção de cada identidade individual sempre deverá passar por um índice de valor social (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006). Esse termo, trazido aqui por nós e extraído da teoria bakhtiniana, indica que a ideia de valor está fortemente ligada à questão sociológica trabalhada por Bakhtin e o Círculo, evidenciando que o valor é construído em sociedade e difundido por

seus membros, variando de acordo com cada grupo social. Confirma-se, pois, a ideia explorada na seção anterior, de que todos nós somos indivíduos organizados socialmente e, portanto, somos enformados pelos discursos que nos atravessam diariamente e constroem o nosso perfil ético-cognitivo. De acordo com Lott:

A identificação sexual no nascimento, “é um menino” ou “é uma menina”, parece ser universal em todo o mundo e é certamente assim nos Estados Unidos. Que este reconhecimento da categoria sexual de um bebê é mantido ao longo da vida através do desenvolvimento contínuo de gênero, isto é, por meio de prescrições e proscições construídas socialmente com respeito ao comportamento, expectativas e ambientes, é um fenômeno empírico extremamente bem estabelecido. [...] Os comportamentos diferenciais que aprendemos como sendo apropriados para as meninas / mulheres e meninos / homens em uma dada sociedade e período histórico constituem os papéis identificados com o sexo. (2010, p. 49) (Tradução nossa).⁴

Podemos afirmar que a mídia é um dos muitos instrumentos sociais utilizados para divulgar e perpetuar ideologias. O cinema, por exemplo, muitas vezes construiu imagens estereotipadas da mulher: em comédias românticas há sempre a personagem de uma mulher bem-sucedida que, apesar de possuir grande destaque profissional, sente-se infeliz em sua vida sentimental e se vê quase obrigada a abandonar sua carreira em nome de um grande amor. Uma das atrizes mais célebres da história do cinema, Marilyn Monroe, obteve projeção e fama por meio de personagens de mulheres fatais, de pouca inteligência e de forte apelo sexual. É comum associar seus personagens à popular imagem da “loira burra”. Em *O pecado mora ao lado* (*The seven year itch*), filme americano de 1955 dirigido por Billy Wilder, a personagem de Monroe nem sequer possui um nome; durante todo o longo ela é referida como sendo *A garota* (*The girl*). Dessa forma, reduz-se a personagem a uma mera representação da mulher sedutora que atrai o homem casado e põe em jogo seu casamento. Seu contorno é superficial, sem qualquer traço forte de personalidade.

⁴ “Sexual identification at birth, “it’s a boy” or “it’s a girl,” appears to be universal across the globe and is certainly so in the United States. That this recognition of a baby’s sexual category is followed immediately and throughout life by the continuing development of gender, that is, socially constructed prescriptions and proscriptions with respect to behavior, expectations, and environments, is an exceedingly well-established empirical phenomenon. [...]The differential behaviors we learn as appropriate for girls/women and for boys/men in a given society and historical period constitute the roles identified with sex” (LOTT, 2010, p. 49).

O título da matéria de Juliana Linhares, escolhida como *corpus* principal deste artigo, cuja primeira página encontra-se abaixo, já evidencia os traços de Marcela que serão destacados: sua beleza, seu recato e sua dedicação ao lar (no caso, marido e filhos). É preciso deixar claro que a presença da expressão “do lar” entre aspas, nesse caso, não evidencia um tom irônico; a ideia construída pela jornalista não é de que Marcela seria uma tradicional dona de casa, mas de que a esposa de Temer não possui uma atividade profissional, dedicando-se à administração dos afazeres domésticos, ao cuidado com o filho e a acompanhá-lo em sua vida política.

Figura 1: Foto da primeira página da matéria feita pela Revista VEJA sobre Marcela Temer.



Fonte: Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

Para abordar com profundidade o artigo selecionado, é vital evidenciarmos a sua dimensão “verbo-visual”. De acordo com Brait (2009, p. 143), “em determinados textos ou conjuntos de textos, artísticos ou não, a articulação entre os elementos verbais e visuais forma um todo indissolúvel, cuja unidade exige do analista o reconhecimento dessa particularidade”.

Brait (2013), recorrendo a vários textos de Bakhtin e do Círculo, justifica a análise verbo-visual sob uma ótica bakhtiniana, alegando que esses estudos “constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita” (2013, p. 44). Considerando esse diálogo entre verbal e visual, o artigo aqui analisado ganha força por meio de uma foto de Marcela Temer, tirada em um restaurante de luxo. A foto, apesar de parecer meramente ilustrativa, nos passa a imagem que a revista quer que seus leitores façam da esposa de Michel Temer: uma mulher bela, cabelos louros e presos, maquiagem leve em um rosto levemente inclinado para a esquerda, um vestido com estampa florida cobrindo o busto, e um xale cobrindo os braços. Aparência delicada, nada provocativa, mas que não deixa de acentuar a beleza da primeira-dama.

Não podemos deixar de mencionar, também, a presença de uma legenda, “a qual participa da produção de sentidos, sinalizando a maneira como o leitor deverá compreender essa foto” (BRAIT, 2009, pp. 143-144). No caso da foto de Marcela, podemos identificar a seguinte legenda: “A “MAR” DO “MI”. Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos”. Essa legenda explicita o contexto no qual a foto foi tirada: um jantar romântico. E, mais do que isso, define uma atividade típica de casais, um momento romântico que exclui qualquer atividade de caráter profissional. Há ainda a menção de “apelidos carinhosos”, cuja construção sintática no discurso, como veremos adiante, acaba revelando muito mais do que um simples gesto amoroso.

Voltando nossa atenção para o título (Bela, recatada e “do lar”), valemo-nos da seguinte citação de Lott (2010, p. 54), para tentar refletir sobre ele: “[...] ainda hoje, espera-se que as meninas de todas as categorias sociais se interessem por bebês, desenvolvam habilidades verbais e sejam mais educadas, quietas e disciplinadas que os meninos”⁵. Tal afirmação de Lott pode explicar a escolha do título e duas qualidades de Marcela nele destacadas: o recato e a dedicação ao lar. De acordo com a teórica, ainda hoje impera a ideia de que as mulheres são, desde cedo, direcionadas para cuidar dos filhos, ser a figura que expressa afeto e, sobretudo, servir de apoio ao marido, a figura do provedor. Se olharmos com atenção na imagem destacada anteriormente, notamos que, ao lado da foto de Marcela, encontra-se em destaque a seguinte frase: “A “Mar” do “Mi””. Ainda que tente evidenciar uma relação de carinho entre os dois, o enunciado indicada uma relação de posse, onde “Mar” (Marcela) pertence a “Mi” (Michel).

⁵ “[...] even today, girls across social categories are expected to be interested in babies, to develop verbal skills, and be more nurturing, quieter, and more disciplined than boys” (LOTT, 2010, p. 54).

Nesse caso, vemos claramente a palavra em uma de suas feições ideológicas: ao tentar evidenciar uma relação de carinho entre marido e mulher, acaba revelando, pela simples posição das palavras, uma relação de posse de uma mulher em relação a um homem. Não vemos, por exemplo, uma oração construída da seguinte forma: “O ”Mi” da “Mar””.

Ainda de acordo com a afirmação de Lott, observamos que a mulher é sempre orientada a ser mais resguardada e disciplinada que os homens. Além do adjetivo que caracteriza essa face de Marcela, “recatada”, observamos o contraste feito entre a vida amorosa de Marcela e a de Michel Temer. Conforme podemos ler, logo no primeiro parágrafo da matéria, quando os dois se conheceram, “o vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi *o seu primeiro namorado*”; já Temer, como vemos no parágrafo seguinte, “tem outros quatro [filhos] de relacionamentos anteriores”. O epíteto atribuído a Michel Temer (“seu primeiro namorado”) evidencia a virtude da mulher, no caso sua esposa, que se entrega e dedica somente a um único homem durante toda sua vida, que, por sua vez, é livre para ter outros relacionamentos. A oração nos permite, mais uma vez, inferir que um simples epíteto não se encontra isento de um acento valorativo, expondo as diferenças de poder existentes entre os gêneros.

Essa reflexão sobre as diferenças que há nos perfis de Michel e Marcela pode ser explicada por meio de Lott, que expõe as diferenças de poder existente entre os gêneros; na citação transcrita a seguir, Lott observa que o homem, ao contrário da mulher, é orientado a ser independente e dominador, evitar a demonstração excessiva de afetividade e ser sexualmente agressivo:

Embora a mudança continue a ocorrer (em diferentes taxas e comunidades), pontos de vista tradicionais sobre o que são os homens “de verdade” ainda são transmitidos através das gerações. Os homens de verdade devem ser relutantes em procurar ajuda, evitar expressar emoções, estar dispostos a se envolver em comportamentos de risco e comportamentos sexuais agressivos, ser dominantes, independentes, competitivos, orientados para metas, fisicamente fortes, fortemente focados no sucesso do trabalho, racionais e heterossexuais. (2010, p. 54) (Tradução nossa).⁶

⁶ “While change continues to occur (at different rates in different communities), traditional views of what “real” men are like are still transmitted across generations. Real men are supposed to be reluctant to seek help, to avoid expressing emotion, to be willing to engage in risky behavior and aggressive sexual behaviors, to be dominant, independent, competitive, goal oriented, physically strong, heavily focused on occupational success, rational and heterosexual”. (LOTT, 2010, p. 54).

No terceiro parágrafo da matéria dedicada à esposa de Temer, somos apresentados à breve carreira profissional de Marcela, que é formada em Direito, mas nunca chegou a exercer a profissão. Por ter abandonado a carreira de advogada, o papel de Marcela se reduz a ser “uma *vice-primeira-dama do lar*”. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele)”. Aqui, encontramos a imagem da mulher que abandona sua carreira para dar assistência ao marido, aos filhos e ao lar. Nessa perspectiva, Lott aponta que

A característica dominante da cultura das mulheres continua a ser a apresentação e transmissão de valores, crenças, atitudes e comportamentos centrados em temas como o cuidado e reparo das necessidades dos outros - crianças e outros membros da família, incluindo cônjuges ou parceiros, os doentes e idosos - independentemente da capacidade da mulhe. (2010, p; 61) (Tradução nossa).⁷

A estilista Martha Medeiros ressalta que a esposa de Temer “gosta de vestidos até os joelhos e cores claras” e ainda a compara com uma grande estrela do cinema, Grace Kelly, que abandonou sua carreira artística para se tornar a princesa de Mônaco, ao afirmar que Marcela “tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly”. Ganhadora de um Oscar de melhor atriz, Grace foi praticamente obrigada pelo marido a recusar o papel principal no filme *Marnie* (1964), de Alfred Hitchcock, para manter o seu casamento.

O artigo de Juliana Linhares acabou provocando reações diversas da mídia e do público em geral. Logo após sua publicação, diversas “respostas” de sites da internet ou “memes” (uma ideia ou conceito que se espalha rapidamente pela *web*) expostos em redes sociais surgiram para criticar ou satirizar o modo como a atual primeira-dama é representada pela Revista *Veja*. Haja vista a grande quantidade de discursos que circularam (e, possivelmente, ainda circulam na internet) em resposta ao artigo de Juliana Linhares, selecionamos um deles, intitulado *Bela, recatada e do lar: Este guia dá 18 dicas para mulheres serem “boas esposas”*, escrito por Lincoln Costa e publicado pelo site TNM⁸. O texto de Linhares, fazendo jus à teoria dialógica do discurso, “apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta o

⁷ “The dominant feature of women’s culture remains the presentation and transmission of values, beliefs, attitudes, and behaviors centering on the themes of caring for and tending to the needs of others - children and other family members, including spouses or partners, and the sick and elderly – regardless of what else a woman may do”. (LOTT, 2010, p. 61).

⁸ Disponível em: <http://todosnegrodomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas/>.

enunciado do outro” (MARCHEZAN, 2010, p. 117), sendo esse “outro”, o texto de Lincoln Costa, que o ironiza.

Afirmamos que o texto de Lincoln Costa ironiza o de Juliana Linhares ao analisar o contexto em que foi publicado, ou seja, na seção de humor do site. O próprio título do artigo nos dá uma pista sobre o tom que o autor dará ao seu texto, colocando a expressão “boas esposas” entre aspas. Nesse caso, podemos inferir que na época em que foi publicado o guia recuperado por Costa (originalmente publicado pela revista *Housekeeping Monthly* em 1955), ser uma esposa era servir o marido e cuidar da casa. As aspas inseridas pelo autor no título do seu texto ironizam essa perspectiva adotada pela revista de 1955, criticando essa perspectiva da mulher submissa e dando a entender que o papel mulher na sociedade tem mudado muito ao longo dos anos. A recuperação do guia da *Housekeeping Monthly*, para ironizar o artigo de Juliana Linhares ativa uma memória discursiva que ainda se faz presente nos dias atuais e corrobora o que foi dito por Bakhtin:

Dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo como no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc.) (2011, p. 331).

A citação de Bakhtin sustenta a possibilidade de se estabelecer uma relação entre o guia da boa esposa, da revista *Housekeeping Monthly*, recuperado de forma humorística pelo site da TNM, e o texto da Revista *Veja*, pois ambos possuem como tema o papel da mulher na sociedade. Tanto o guia da década de 1950 quanto o artigo de Juliana Linhares traçam perfis semelhantes da mulher. Assim, não somente o título do artigo de Lincoln Costa remete diretamente ao de Juliana Linhares, como também a própria temática articulada pelo autor permite discutir/criticar o texto ao qual está respondendo.

Abaixo, selecionamos alguns dos conselhos elencados pelo guia da revista *Housekeeping Monthly*, que se configuravam como sugestões para que as mulheres pudessem desempenhar melhor seu papel de “boa esposa”. O critério para a seleção dos seguintes tópicos foi a possibilidade de se estabelecer uma relação entre eles e a construção do perfil de Marcela Temer. Vejamos:

[...]

3. Separe 15 minutos para descansar, assim você estará revigorada quando ele chegar. Retoque a maquiagem, ponha uma fita no cabelo e pareça animada.
4. Seja amável e interessante para ele. Seu dia foi chato e pode precisar que o anime e é uma das suas funções fazer isso.
5. Coloque tudo em ordem. Dê uma volta pela parte principal da casa antes do seu marido chegar. Junte os livros escolares, brinquedos, papel, e em seguida, passe um pano sobre as mesas.
[...]
7. Dedique alguns minutos para lavar as mãos e os rostos das crianças (se eles forem pequenos), pentear os cabelos e, se necessário, trocar de roupa. As crianças são pequenos tesouros e ele gostaria de vê-los assim.
[...]
11. Nunca reclame se ele chegar tarde, sair pra jantar ou outros locais de entretenimento sem você. Em vez disso, tente compreender o seu mundo de tensão e pressão dele, e a necessidade de estar em casa e relaxar.
12. Seu objetivo: certificar-se de que sua casa é um lugar de paz, ordem e tranquilidade, onde seu marido pode se renovar em corpo e espírito.
[...]
18. Uma boa esposa sabe o seu lugar.

(COSTA, 2016)

O tópico 3, o primeiro a ser elencado por nós, faz menção ao cuidado necessário que a mulher deve ter com sua aparência: descansar para parecer revigorada, colocar uma fita no cabelo, se maquiar e parecer animada. O artigo de Juliana Linhares cita, em dois momentos, os cuidados que a esposa de Michel Temer tem com sua aparência, narrando suas idas ao dermatologista, para cuidar da pele, e ao cabeleireiro, onde, segundo o profissional que atende Marcela, “pedia luzes bem fininhas”.

Os itens 4, 11 e 12, por sua vez, serão explorados conjuntamente porque, de uma maneira geral, tratam da forma ideal como uma mulher deveria tratar seu marido, priorizando sua tranquilidade e conforto. Ao lermos a seguinte oração “Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular”, remetemo-nos ao item 4, o qual sugere que a mulher deve ser agradável com o marido que volta estressado após um intenso dia de trabalho, algo que acontece quando Michel Temer “mergulha num outro mundo” (distante do seu trabalho) e, acompanhado por um bom vinho e charuto, anima-se conversando com Marcela ao celular e assistindo aos vídeos de seu filho encaminhados por ela. O tópico número 11, que pede para que a mulher compreenda o mundo de tensão e pressão do esposo, também está presente na vida de Marcela, visto que seu marido ocupa um alto cargo político e, como apontado pelo próprio artigo, em um contexto de “convulsão política que vive o país”. O texto até sugere que uma segunda gravidez de Marcela, desejada por ela, não seria oportuna no atual

momento político, fato comprovado por uma fala da tia de Marcela: “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”. Como sintetizado pelo tópico 12, o lar deve ser um “lugar de paz, ordem e tranquilidade, onde seu marido pode se renovar em corpo e espírito”.

Já os itens 5 e 7 dizem respeito aos cuidados com a casa e com as crianças. O primeiro destaca a importância de uma casa organizada, trazendo elementos comuns ao universo infantil, tais como livros escolares e brinquedos. O segundo faz referência direta aos cuidados necessários que devem ter com filhos, “pequenos tesouros”, como devem ser limpos, penteados e bem arrumados. Ao longo do texto de Juliana Linhares, podemos notar a presença da maternidade na vida de Marcela. Primeiro, ao relatar a vivência com seu filho de 7 anos, Michelzinho, e o desejo de ser mãe de uma menina. Ao fazer referência à sua pouca atividade profissional, a jornalista revela que Marcela é uma “vice-primeira-dama do lar”, e que “seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola [...]”.

Por fim, podemos dizer que o último item listado, o 18, dialoga mais diretamente com a posição que Marcela (e as leitoras da *Housekeeping Monthly*) ocupa na vida de Michel Temer, que se encontra em destaque no título do artigo: a de “vice-primeira-dama do lar”. Ao sugerir que “uma boa esposa conhece o seu lugar”, podemos inferir que este é o seu lar, que deve ser zelado por ela.

Não podemos deixar de mencionar, antes de terminar nossa análise sobre o artigo de Lincoln Costa para TNM, a dimensão verbo-visual que caracteriza o texto. Ao longo do texto, os conselhos proporcionados pelo guia são intercalados por ilustrações de mulheres, aparentemente situadas entre as décadas de 1950 e 1960, realizando típicos afazeres domésticos, tais como passar aspirador de pó na casa, tirar a comida do forno, vestir as crianças etc. Selecionamos apenas uma das imagens (em um total de dez), que se encontra abaixo:

Figura 2: O cotidiano da “boa esposa”
segundo o Guia de Lincoln Costa



Disponível em:

<http://todosnegrosdomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas/>

O motivo pela escolha dessa foto, em especial, se deve pela semelhança entre a mulher retratada na imagem e a foto de Marcela Temer presente na primeira página do artigo de Juliana Linhares. Ambas possuem cabelos louros, penteados de maneira que não pareçam longos, estão com uma maquiagem leve, usam vestidos (uma delas somente com a parte de cima da cor preta) que cobrem o busto e demonstram ser delicadas e femininas.

O artigo de Lincoln Costa que acabamos de expor, construído verbo-visualmente, foi elaborado, como já dissemos, como uma espécie de resposta à matéria da Revista *Veja*, criticando-a por expor e enaltecer uma visão tão antiga e machista da mulher (comum, conforme já dito, aos filmes de Marilyn Monroe e Grace Kelly das décadas de 1950 e 1960). O diálogo entre a matéria de Revista *Veja* e o guia da *Housekeeping Monthly* publicado há mais de 60 anos, e aqui recuperado, comprova que os discursos existem em uma imensa rede dialógica; a construção da figura feminina elaborada pela *Veja* resgata uma visão que há muito tempo vem sendo criticado pelos movimentos feministas, na luta pela independência e pelos direitos das mulheres. Nessa perspectiva, recuperamos a seguinte fala de Cunha:

É nesse aspecto, especificamente, que a abordagem bakhtiniana contribui para a reflexão sobre a memória discursiva na constituição do discurso, na medida

em que está intimamente ligada ao já-dito no qual os falantes retomam as palavras. Nesse sentido, em todo e qualquer discurso, cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa. (2009, p. 27).

Por último, recuperamos a capa do número 2417 da Revista *ISTOÉ*, de 6 de abril de 2016, mesmo mês da publicação do artigo sobre Marcela Temer na Revista *Veja*. Aqui, tentaremos enfatizar o caráter político do artigo de Juliana Linhares, contrastando-a com a apresentação do perfil de outra mulher, Dilma Rousseff. Dessa vez, ao contrário do que nos é apresentado no artigo sobre a esposa de Michel Temer, temos a figura de uma mulher forte, solteira, e que, à época da publicação de ambas as revistas, ocupava o mais alto cargo político do Brasil, o de Presidente da República. Contudo, a apresentação de Dilma na capa, diferente da de Marcela, é feita de forma bastante negativa.

Figura 3: Capa da revista *ISTOÉ*, de abril de 2016.



Fonte: Disponível em:
<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/wpcontent/uploads/2016/04/istoe.jpg>

Novamente, a atenção para a presença da verbo-visualidade na capa da *ISTOÉ* é vital para compreender a totalidade do discurso veiculado pela revista. Dessa forma, visualizamos uma foto em *close* de Dilma, uma mulher de mais idade, de traços fortes e rugas ao redor dos olhos, com a boca aberta, simulando um grito, em uma expressão que aparenta ira. A manchete, escrita em caixa alta com fundo branco, destaca: “As explosões nervosas da presidente”. A foto de Dilma selecionada corrobora o título em destaque, construindo a figura de uma mulher descontrolada e rude. O subtítulo, em letras minúsculas, com exceção da inicial do período e da que caracteriza nome próprio, relata a falta de capacidade de Dilma de lidar com um possível afastamento, descontando sua raiva em seus subordinados e mostrando total incapacidade emocional de administrar o país. Os trechos destacados em amarelo, mesma cor utilizada para preencher a assinatura da revista, realçam o total descontrole de Dilma (“Em surtos de descontrole [...]”; “[...] Dilma quebra móveis dentro do Palácio [...]”; “[...] e perde (também) as condições emocionais para conduzir o país.”) e, principalmente, mostram sua incapacidade emocional de permanecer no poder e, provavelmente, se posicionando a favor do seu afastamento definitivo.

A presidente representada na capa da revista, como mulher, estaria “descumprindo” o que Bernice Lott coloca como sendo o que parte da sociedade considera como um comportamento ideal para uma figura feminina e o que o guia da revista *Housekeeping Monthly* considera o perfil da mulher ideal. Em vez de ser uma mulher “recatada”, aparentemente tem arroubos de fúria. E mostra ser uma mulher dura e impetuosa, sem nenhum traço de delicadeza e afetividade. Já a foto de Marcela, escolhida pela *Veja*, evidencia a presença de uma mulher meiga e delicada; o texto funciona da mesma forma, visto que destaca as qualidades de Marcela como esposa, mãe e “vice-primeira-dama do lar”.

Logo, se considerarmos que o contexto político da publicação das duas revistas indicava a provável queda da então presidente Dilma Rousseff, compreendemos o posicionamento das revistas *Veja* e *ISTOÉ* como uma tentativa de promover Michel Temer: a primeira, por meio do enaltecimento de sua esposa, e a segunda, pela desvalorização de Dilma. Ao voltarmos nosso olhar para a Figura 1 e olharmos para o topo da página, no canto esquerdo, constataremos o uso da expressão “Como será”; o emprego do futuro do presente mostra certeza em relação ao fato que acontecerá, estando, nesse caso, para expor a certeza (ou desejo) com relação à queda da então presidente Dilma Rousseff e a ascensão de seu vice. Assim, por meio de nossa perspectiva teórica, buscamos esclarecer que nenhum meio de comunicação trabalha sem um objetivo definido e sem apresentar juízos de valor. Os desdobramentos das matérias são um indicativo de que as duas revistas trabalharam para promover Michel Temer e desestabilizar o *status* de Dilma Rousseff.

4 Considerações finais

A partir da análise feita da matéria da Revista *Veja*, com base em algumas reflexões teóricas de Bernice E. Lott, entendemos que o artigo de Juliana Linhares acabou suscitando inúmeras discussões acerca do machismo e da luta de movimentos feministas pela independência e liberdade das mulheres. Afinal, o discurso construído por Linhares aponta para uma visão que, pouco a pouco, vem sendo abandonada, ainda mais se pensarmos que uma mulher já ocupou o cargo de Presidente da República do Brasil.

No entanto, para compreender esse tipo discurso e o teor de sua crítica, é importante revisitar a condição da mulher ao longo do tempo, algo que pode ser muito bem discutido pelos “conselhos” dados pela revista *Housekeeping Monthly* na década de 1950. O artigo sintetiza

muito a condição de subserviência atribuída à mulher no decorrer da história e, também, ao silenciamento de sua voz. Ao pensarmos nessa perspectiva, Cunha (2010, p. 25), trazemos mais uma vez a visão bakhtiniana, explicando-nos que é “importante salientar que se trata de compreender as relações dialógicas e históricas entre discursos, que se explicam, se opõem, se apoiam, etc., colocando o outro como aliado, adversário, dizendo a verdade, fazendo erros [...]”.

Verificamos também que o texto de Linhares, além de permitir uma análise sobre a questão de gênero, acabando apresentado um forte teor político. Considerando a ideia de Bakhtin, de que os discursos estão interligados com seus contextos de produção, circulação e recepção, e de que eles sempre indicarão a visão daqueles que os produzem, afirmamos que, no caso da matéria da Revista Veja (e também da *ISTOÉ*, posta em confronto), existe uma clara intenção de promover o vice-presidente Michel Temer, pouco antes de sua posse como presidente interino, enaltecendo as qualidades de sua esposa Marcela (essenciais para uma primeira-dama exemplar) e indicando algumas das vantagens de sua posse. E, por consequência, acaba trazendo uma visão estereotipada da mulher, submissa, delicada e reservada.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Brasil, v.1, n.1, p.142 – 160, 1º sem. 2009.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Olhar e ler: a verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Brasil, v.8, n.2, p.43 – 46, 2º sem. 2013.

CAMPOS, M.I.B. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, B. **Bakhtin, Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, D.A.C. Circulação, reacentuação e memória no discurso da imprensa. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. Brasil, v. 1, n. 2, p. 23 – 39, 2º sem. 2009.

LOTT, B.E. Gender. In: LOTT, B. E. **Multiculturalism and Diversity: a social psychological perspective**. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2010.

MARCHEZAN, R. Diálogo. In: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

Sites da internet

COSTA, L. **Bela, recatada e do lar: Este guia dá 18 dicas para mulheres serem boas esposas**. Disponível em: <http://todosnegrosdomundo.com.br/bela-recatada-e-do-lar-este-guia-de-1950-da-18-dicas-para-mulheres-serem-boas-esposas/>. Acesso em: 15 abr. 2017.

LINHARES, J. **Bela, recatada e “do lar”**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Recebido em: 03 de março de 2017.

Aceito em: 01 de junho de 2017.